



Brunch em família

15/set 09h às 12h Clube AABB

Neste sábado! Participe!!!

 ASSERJUF

Aniversariantes da Semana

10/09 - Cleonice dos Santos

10/09 - Edvaldo Souza

10/09 - Tania Almeida Lima

11/09 - Karina de Alencar Serrano

12/09 - Altenir da Silva Carvalho

12/09 - Daniela de Araujo Rocha

12/09 - Gabriel Valença Pires

12/09 - Renata Faria Rutenberg e Silva

12/09 - Luciene Alves Costa Trindade

12/09 - Simone Schitini de Araujo Goes

13/09 - Alberto Silva Coelho

13/09 - Francisca Alves Campinho

13/09 - Luiz Gutemberg Lopes

15/09 - Simone Vieira da Costa

15/09 - Erika Lucia de Carvalho Sá

16/09 - Simone Vieira da Costa



Arquivos digitalizados do Museu Nacional poderão ser replicados em 3D

Para especialistas, medida ameniza a perda histórica e ajudará na retomada de algumas pesquisas



Enquanto o patrimônio mundial que era abrigado no Museu Nacional do Rio de Janeiro virou fuligem, uma pequena parte do acervo continua preservada. Ao menos, na forma digital. Como resultado de um trabalho de uma década, cerca de 300 peças foram escaneadas em 3D ou por equipamentos de imagem utilizados pela medicina, como tomógrafos. Entre elas, o crânio de Luzia, que se acredita ser o fóssil humano mais antigo já encontrado nas Américas, com 11 mil anos estimados. Embora não substituam os originais, os arquivos digitalizados, que podem, inclusive, ser impressos tridimensionalmente, resguardam a memória de uma instituição consumida pelas chamas há uma semana.

Desenvolvido pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT), do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, e idealizado pelo pesquisador Sergio Alex Kungland de Azevedo, o projeto Geração de Imagens Digitais das

Coleções do Museu Nacional teve início em 2007, com participação de Jorge Lopes, pioneiro no uso de prototipagem rápida para modelos tridimensionais no Brasil. O designer, que coordena o Núcleo de Experimentação Tridimensional da PUC-Rio, tem trabalhos de impressão 3D na coleção permanente do Museu de Ciências de Londres e, como colaborador do Museu Nacional, inovou há 11 anos, levando essa tecnologia à instituição carioca com objetivo de digitalizar as coleções de paleontologia e arqueologia.

“Quando começamos o projeto, jamais pensamos que, um dia, o acervo seria destruído. Nossas intenções eram, entre outras, fazer réplicas para exposição no exterior e estudar as peças de forma não invasiva. Por exemplo, visualizar o interior de uma múmia sem precisar abrir o caixão egípcio. Estou muito assustado com tudo isso”, reconhece Jorge Lopes. Ele crê que, agora, as réplicas em 3D poderão ajudar na identificação dos itens do museu que foram destruídos. “Imagine uma peça toda despedaçada. A reconstrução tridimensional pode ser usada para tentar identificá-la. Também esperamos que as réplicas ajudem na preservação da memória do museu. Porém, não trarão o museu de volta.”

O projeto do INT no Museu Nacional resultou na criação de arquivos virtuais tridimensionais de múmias e fósseis de dinossauros expostos na instituição. Para reconstituir a peça, os dados são enviados a uma máquina de prototipagem, que imprime as réplicas exatamente como os originais. De acordo com Lopes, por sorte, duas dessas máquinas seriam transportadas às instalações do museu na semana do incêndio, mas acabaram ficando na PUC-Rio. Por outro lado, o pesquisador perdeu, na tragédia, um escâner a laser que pertencia a ele e estava sendo usado na digitalização do acervo da Quinta da Boa Vista. “Um equipamento caríssimo. Mas isso é o de menos. Infelizmente, o trabalho que estava sendo feito lá, de digitalização das imagens, também se perdeu.”

Limitações

O arqueólogo e antropólogo André Strauss, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) que já publicou diversos trabalhos sobre o povo de Lagoa Santa (MG), ao qual pertencia Luzia, acredita que a digitalização do acervo do Museu Nacional ajudará pesquisadores a continuarem estudando fósseis destruídos pelo fogo. Porém, apenas os aspectos anatômicos poderão ser explorados, destaca. “Sem os fósseis originais, não se consegue realizar os estudos mais promissores, dos isótopos químicos”, diz. No caso de Luzia, Strauss lembra que duas questões centrais ainda são pendentes e dependeriam de exames tecnológicos avançados para serem elucidadas: “A idade dela, que é testada com carbono, e qual a relação que tem com os nativos americanos, algo que só se consegue saber pelo DNA”.

Embora muitos testes já tenham sido feitos com o crânio, a datação e a origem de Luzia continuam temas de debate e, à medida que a tecnologia evolui, poderiam ser resolvidas em novos estudos. “O que mais me preocupa é pensar no que a gente ainda não sabe e que poderia saber nos próximos 50 anos, por exemplo”, diz André Strauss. O arqueólogo informa que os tesouros de Lagoa Santa que integram o trabalho que ele coordena na região estão bem guardados no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. “Esse museu é um modelo de segurança de acervo. O combate ao fogo, por exemplo, não é feito com água, mas com injeção de CO₂, que corta o oxigênio”, esclarece.

Fonte: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/09/10/interna_brasil,762322/arquivos-digitalizados-do-museu-nacional-poderao-ser-replicados-em-3d.shtml

Instrumentos tecnológicos também têm ajudado a dar um rosto a fósseis e personalidades históricas. Assim como Luzia, outro crânio encontrado em Lagoa Santa (MG), com cerca de 10 mil anos, ganhou fisionomia pelas mãos de um designer. No ano passado, Cícero Moraes, especializado em reconstrução facial 3D digital, se desafiou a recriar a aparência do fóssil, que pertenceu a um indivíduo do sexo masculino do chamado Homem de Lagoa Santa, o povo ancestral que habitou aquela região há milênios. “O que me instigou foi a possibilidade de aproximar o rosto e ter uma ideia da aparência daqueles primeiros brasileiros”, conta o designer, que está na Itália fazendo reconstruções de faces históricas e de ruínas. Entre os rostos que Cícero Moraes já reconstituiu com a tecnologia de fotogrametria — digitalização 3D a partir de fotos — estão os de D. Pedro I, de Santa Paulina e de um homem que viveu há 5 mil anos na região de Santa Catarina.

“Imagine uma peça toda despedaçada. A reconstrução tridimensional pode ser usada para tentar identificá-la. Também esperamos que as réplicas ajudem na preservação da memória do museu. Porém, não trarão o museu de volta.”

Jorge Lopes, coordenador do Núcleo de Experimentação Tridimensional da PUC-Rio

“Sem os fósseis originais, não se consegue realizar os estudos mais promissores, dos isótopos químicos

(...) O que mais me preocupa é pensar no que a gente ainda não sabe e que poderia saber nos próximos 50 anos”

André Strauss, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP)



OS COMPLEXOS PERSONAGENS DE HARUKI MURAKAMI



O escritor japonês Haruki Murakami é o mais popular entre os eternamente favoritos ao Prêmio Nobel de Literatura, aparecendo, a cada ano, em todas as apostas para levar a láurea máxima, mas sendo constantemente esnobado pela Academia Sueca, para tristeza dos

seus milhões de fãs no mundo, entre os quais, com orgulho, me incluo.

Talvez Murakami, fã de música e maratonista, não tenha o perfil sisudo ou engajado que se espera dos autores premiados com o Nobel. Ele transita com desenvoltura no universo pop e cotidiano, talvez com desenvoltura excessiva para os padrões acadêmicos. Murakami, traduzido em mais de 40 idiomas, considera mais relevante abordar questões íntimas e pessoais dos seus complexos personagens do que fazer recortes sociais e políticos nos seus romances.

Este ano li três deles: “*Minha Querida Sputnik*”, “*Norwegian Wood*” e “*O Incolor Tsukuro Tazaki e seus Anos de Peregrinação*”, considerado um de seus melhores livros, que na primeira semana de lançamento vendeu 1 milhão de cópias no Japão, já tendo superado os 4 milhões de exemplares no país.

As três obras têm em comum jovens protagonistas sensíveis demais para os ambientes das metrópoles em que se encontram. Outsiders introvertidos, chicoteados pelo espiçar da consciência, lê-los é como olhar por um buraco de fechadura o interior desnudo de pessoas prestes a saltar para fora do mundo. É um olhar que fascina e incomoda.

Em *Minha Querida Sputnik*, acompanhamos Sumire, uma adolescente apaixonada por Miu, mulher 17 anos mais velha. Sumire erra pelas páginas de Murakami, vagando à procura de uma identidade própria, repleta de um grande vazio interno. O autor, enquanto nos envolve nas questões íntimas da personagem, faz com que tenhamos a necessária empatia para nos dedicarmos à narrativa, ao mesmo tempo em que nos impele a defrontar com os defeitos de Sumire, com o distanciamento mínimo para sentirmos certa compulsão pelo desenvolvimento da história.

Quem sabe o que nos atrai mais: os dramas ou os defeitos? Em que medida esses defeitos e questionamentos já nos habitaram quando éramos jovens como os personagens de Murakami. “*Por que será que estamos condenados a ser assim tão solitários? Qual a razão de tudo isto? Há tanta, tanta gente neste mundo, todos à espera de qualquer coisa uns dos outros, e, contudo, todos irremediavelmente afastados. Por quê? Continuará a Terra a girar unicamente para alimentar a solidão dos homens?*”

Norwegian Wood – Toru Watanabe narra-nos a sua história dos 16 aos 20 anos. Sabemos que seu melhor amigo de infância se suicida enquanto a namorada deste, aos poucos, aparenta perder também a sanidade. Enquanto estuda Arte Dramática na universidade, Toru lida com a dificuldade de se relacionar com os demais colegas. Praticamente sem amigos, ele busca desenvolver algum tipo de relacionamento humano e encontrar uma espécie de brecha para uma identidade minimamente própria. A lacuna deixada pela morte do amigo e a alienação da amiga são um espinho cravado em sua alma.

Caso Murakami não tivesse apontado no próprio livro, seria de se espantar se os leitores não notassem as inegáveis similitudes de Toru com o personagem Holden Caulfield de “*O Apanhador no Campo de Centeio*”, de J.D. Salinger ou as várias referências a “*O Grande Gatsby*” de F. Scott Fitzgerald, lido e relido por Toru ao longo do romance.



O livro tem o título homônimo de uma canção dos Beatles e aqui vemos uma das obseções de Murakami: a música. Ele não se cansa de incluir em seus romances inúmeras referências musicais. Houve quem encontrasse mais de 3 mil títulos de canções espalhadas pelos seus livros. O próprio autor possui mais de 10 mil discos de vinil na sua coleção.

No último capítulo, a personagem Reiko, como em uma bela e pungente cerimônia de réquiem, toca simplesmente de enfiada 51 canções para o protagonista, entre elas: *Norwegian Wood*, *Eleanor Rigby*, *Michelle*, *Something*, *Here Comes the*

Yesterday, *Sun, Fool on the Hill*, *Penny Lane*, *Blackbird*, *Julia*, *When I'm Sixty-Four*, *Nowhere Man*, *And I Love Her* e *Hey Jude*, todas dos Beatles. E a lista continua com canções de Burt Bacharach, Tom Jobim, Harry Mancini, Gershwin, Bob Dylan, Ray Charles, Carole King, The Beach Boys, Stevie Wonder... É ou não uma ode à cultura pop mundial?

Os personagens reagem movidos mais pelo imprevisível do que pelas suas buscas pessoais. A libertação vem através do incontrolável, do confronto inevitável com o universo do outro. É como se ouvíssemos o eco de um poema de Fernando Pessoa: “*Grandes são os desertos, e as almas desertas e grandes. Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!*”.

O Incolor Tsukuro Tazaki e seus Anos de Peregrinação tem no personagem título mais um dos solitários protagonistas de Murakami vivendo um drama do passado. Quando estudante, seus quatro amigos inseparáveis eram o seu Norte: Akamatsu, o “*pinheiro vermelho*”, Ômi, o “*mar azul*”, Shirane, “*a raiz branca*”, e Kurono, o “*campo preto*”. O único deles sem uma cor no nome era justamente Tsukuro. Anos depois, adulto, ele não consegue se libertar do trauma ocorrido quinze anos antes, quando foi expulso do grupo de amigos.

Tsukuro é impelido a reencontrar os quatro amigos do passado para saber por que foi inexplicavelmente expulso do grupo. Sua busca, se fosse um filme, seria um road movie, já que a jornada quase espiritual o leva a perscrutar o passado e tentar descobrir a jornada pessoal de cada um e de si mesmo. O desconhecido pode ser ameaçador, mas também é libertador.

Aqui novamente encontramos o eco da musicalidade de Murakami com as diversas citações ao longo do romance do compositor húngaro *Franz Liszt*, autor das sinfonias intituladas exatamente “*Os Anos de Peregrinação*”.

Todos os desfechos das obras de Murakami possuem em comum o uso das narrativas abertas em finais beirando o inconcluso. Não se verá uma ruptura abrupta ou uma catarse, longe disso. Se as buscas dos personagens aparentemente terminam, a estrada finaliza apenas para inferir-se que haverá novas buscas e novos caminhos a percorrer, desta vez com uma bagagem nova, adquirida ao longo do percurso. Bagagem que ironicamente encontrará um peregrino mais leve, repleto de autodescobertas e feridas lancetadas.

Ao reler o texto acima, temo ter dado a impressão de que os livros de Murakami são muito densos ou lúgubres demais. Não poderia haver engano maior. A narrativa fluida e o uso de elementos da cultura pop contemporânea se aliam a um humor um tanto ácido, mas ainda assim, humor. Tudo isso dá o toque de imensa humanidade que se vê derramar ao longo de cada uma das suas páginas.

Longa vida aos complexos personagens de Murakami.



Confira abaixo os profissionais de **Massoterapia** e ligue para agendar um horário:

Espaço Terapêutico - Ramal 2732



Angélica Leal

Técnicas: Aromaterapia, Reflexologia Podal, Drenagem Linfática Facial, Drenagem Linfática em Gestante, Quick Massage, Reiki, Modeladora, SPA dos Pés, Massagem Terapêutica.



Beto Andrade

Técnicas - Alongamento Passivo, Shiatsu, Californiana, Reflexologia Podal e Kirodal.



Edléa Muniz

Técnicas - Massagem Relaxante com toalhas quentes e/ou pedras quentes, Drenagem Linfática facial e corporal pré e pós cirúrgica, Massagem Deep Tissue, Tuiná, An-Má, Massagem Modeladora e Ventosaterapia.



Mônica Farias

Técnicas - Massagem Relaxante, Power e Lifting Facial, Drenagem Linfática Corporal e Facial (pré e pós operatória), Drenagem Linfática para Gestantes, Lipomodeladora Manual e com Aparelhos de Eletroterapia.

Visando o bom funcionamento do Espaço Terapêutico da ASSERJUF, algumas normas foram estabelecidas desde a sua instalação para melhor atendimento no espaço e com o objetivo de evitar possíveis transtornos para você, nosso(a) associado(a), e para o profissional. Atente-se!

- 1- Cada horário agendado funciona como um contrato de responsabilidade recíproca entre o cliente (associado) e o profissional.
- 2- O(A) associado(a) ao marcar o seu horário assume o compromisso de estar presente na hora marcada, pois se houver atraso, terá o seu tempo de atendimento reduzido ao tempo disponível restante, a fim de não prejudicar o cliente seguinte.
- 3- Havendo algum impedimento, o(a) associado(a) deverá informar com antecedência de no mínimo 02 horas a sua impossibilidade de comparecer à hora marcada.
- 4- O(A) associado(a) que não puder comparecer no horário estabelecido sem comunicar em, até, duas horas de antecedência, perderá o direito ao horário mantendo o pagamento da hora ao profissional. Para facilitar essa comunicação a Asserjuf tem Whats App 71 99603-9313.
- 5- Uma possível compensação de horário perdido deve ser acertada diretamente com o profissional, sem que este tenha a obrigatoriedade sobre esta compensação.
- 6- As marcações de horários devem ser feitas diretamente ao atendimento do espaço terapêutico, pessoalmente ou por telefone, através do ramal: 2732.
- 7- Envie sugestões para beneficiosasserjuf@gmail.com



CLASSIFICADOS

Transferência de financiamento



Voyage 2017 comfortline (completo com Kit multimídia)
14 mensalidade pagas/ total 36
Garantia: 5 anos chaparia e 3 anos mecânica
Km: 40.000
Motivo da venda: mudança para o exterior
Contato: (71) 99338-9000/ 98882-4199 (Lourival)

OBITUÁRIO

É com grande pesar que a ASSERJUF cumpre o doloroso dever de comunicar o falecimento de

Dr. Adão de Assunção Duarte



Foto: Central de Notícias

Associado aposentado desde 1998. O sepultamento ocorreu hoje, 11/09, no interior da Bahia, no povoado de Central.

Descanse em paz, Dr. Adão.
Nossos pêsames à família.